

Uso de preservativos e doenças sexualmente transmissíveis: Uma análise comparativa entre gêneros.

Brenda Celly Farias Almeida (1); Danieli Ferreira Dantas (2); Maine Virgínia Alves Confessor (3)

1- Faculdade Maurício De Nassau, celly_brenda@hotmail.com. 2 - Faculdade Maurício De Nassau, danielidantas10@hotmail.com. 3- Faculdade Maurício De Nassau, maine_alves@hotmail.com

As doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) foram descobertas há séculos. A falta de conhecimento sobre tais doenças contribuiu para sua disseminação, uma vez que pouco ou nenhum tratamento era disponível. No mundo inteiro essas doenças se alastraram, pois, em muitos casos, nos estágios iniciais, são assintomáticas. Atualmente, a medicina e áreas coadjuvantes têm mostrado consideráveis avanços acerca das DSTs, por exemplo, hoje há tratamento para a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). O preservativo existe há anos, tendo sido desenvolvido justamente para prevenção das doenças já descobertas e evitar o desenvolvimento de novas patologias. Porém, muitas pessoas não o utilizam, aumentando as chances de contágio para as DSTs. Assim sendo, o presente artigo buscou discutir aspectos sobre as DSTs, numa perspectiva de conhecer as práticas de prevenção das mesmas em uma comunidade universitária da cidade de Campina Grande, PB. As informações foram obtidas utilizando questionários pré-elaborados aplicados a quarenta e uma pessoas, entre homens e mulheres de várias idades. Notou-se que, no geral, as pessoas estão mais conscientes quanto à importância das DSTs e sua prevenção. Este dado pôde ser comprovado, uma vez que, 44,5% das 9 mulheres que possuem vida sexual ativa e 60% dos 10 homens que são sexualmente ativos afirmam que costumeiramente se previnem usando preservativo. Contudo, ainda são necessárias medidas para que a progressão de incidências destas doenças não aumente, pois mesmo com todos os meios já alcançados para o combate e/ou tratamento de DSTs, a prevalência destas ainda é um fato e um desafio a ser enfrentado.

Palavras-chave: Comportamento Sexual, Doenças Sexualmente Transmissíveis, Preservativos.

INTRODUÇÃO

Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) são patologias que podem ser contraídas através do contato sexual, geralmente causadas por bactérias, vírus ou protozoários. (BRASIL, 2005).

Mais de vinte tipos diferentes de doenças são transmitidos através do contato sexual e representam grave problema por suas repercussões médicas, sociais, econômicas e outras. (O'LEARY & CHENEY, 1993).

O ritmo de crescimento dos casos de AIDS entre os jovens é preocupante, segundo Andrade (2009), no Brasil, 70% dos casos de AIDS se concentram na faixa entre 20 e 39 anos, indicando que as novas infecções pelo HIV acontecem entre os mais jovens.

É perceptível, portanto, que os números de infectados ainda continuam em crescimento e os jovens são mais vulneráveis ao contágio, uma vez que são os principais nas mudanças frequentes de parceria sexual, uso de drogas

injetáveis, abuso do uso de álcool e também por serem mais resistentes ao uso dos preservativos (REBOUÇAS, 2009).

As discussões de diversos autores (AYRES, 1994 e SINGER, 1998 et al.) tornam-se de extrema relevância, uma vez que ao longo da última década têm documentado certo número de fatores estruturais que facilitam a transmissão do HIV e sua concentração em áreas geográficas e populações particulares.

No Brasil, desde o início das políticas relativas à AIDS, a camisinha foi, e continua sendo, a principal aposta no campo da prevenção (PAIVA & LOPES, 2003).

Deste modo, é possível inferir que as DSTs são um grave problema de Saúde Pública e, quando não diagnosticadas e tratadas a tempo, podem levar a pessoa portadora a ter grandes complicações, inclusive resultar na morte do infectado. (SECRETARIA DA SAÚDE – GOVERNO DO CEARÁ, 2008).

Assim, viu-se a importância de coletar os devidos dados e analisá-los, para que fosse compreendido como os jovens e adultos universitários se comportam sexualmente, análise esta de necessidade incontestável para o melhor entendimento de como a população percebe e se previne frente às DSTs.

MATERIAIS E MÉTODOS

O corpus do trabalho consiste em uma pesquisa de campo onde se utilizou como instrumento de pesquisa um questionário estruturado, composto por 10 questões objetivas, com o intuito de coletar dados comparativos sobre o comportamento sexual entre o gênero feminino e masculino.

O instrumento de pesquisa refere-se a dados de identificação (idade, gênero), relacionados a atividades sexuais (se já ocorreu o início da vida sexual, se possui parceiros estáveis, importância e uso de preservativo), entre outros dados referentes a conhecimentos sobre DSTs.

O estudo foi desenvolvido com 41 indivíduos, alunos de vários cursos da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) na cidade de Campina Grande, PB, Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 41 entrevistados, 23 são homens e 18 são mulheres. Dos 23 homens, 43,5% possuem vida sexual ativa, enquanto que, para as mulheres entrevistadas este número apresenta-se ligeiramente superior, 50% (Gráfico 1).



Gráfico 1 : Perfil dos entrevistados em relação a atividade sexual.

Observou-se ainda que o grupo, de forma geral, não possuiu idade precoce no início de suas atividades sexuais, pois, nenhum homem ou mulher até 18 anos disseram possuir vida sexual ativa. Para as mulheres sexualmente ativas, para a faixa etária entre 18 a 23 anos, menos de 30% já iniciaram sua vida sexual; para os homens sexualmente ativos com a mesma faixa etária, apenas 13% já iniciaram a vida sexual. Assim, pode-se concluir com esses dados que, no grupo de pesquisa no qual foram aplicados os questionários, os jovens e adultos que participaram, correspondem a dados estatísticos divergentes do encontrado na literatura quando comparados a outros artigos, uma vez que o número de homens que já iniciaram a vida sexual apresentou-se inferior ao número de mulheres neste trabalho. Para Santos et al. (2012), por exemplo, em seus estudos, 91% dos rapazes informaram ter vida sexual ativa contra apenas 55,3% para as mulheres, evidenciando

a diferença de dados encontrados no presente estudo, sendo justificado pelo grupo estudado por Santos et al. (2012) que para as mulheres a preocupação com as DSTs e o casamento são os principais fatores que impediram a iniciação sexual.

No presente estudo foi observado que os jovens e adultos entrevistados possuem informações adequadas sobre a importância do preservativo de forma geral. Contudo, mais da metade das mulheres sexualmente ativas (55,5%) afirmam que costumam ter relações sem preservativo, quanto aos homens, apenas 40%.

A maioria das pessoas que assinalaram que têm relações desprevenidas, afirmam que fazem isso diante de não ver problema algum em confiar no parceiro, já que possui relação estável, o que consiste numa grande problemática, pois, na cadeia de transmissibilidade, a relação heterossexual estável e monogâmica tornou-se, para as mulheres, a principal porta de entrada para o vírus HIV (SANTOS, et al. 2009). As mulheres, por estarem numa relação estável, acreditam não haver necessidade de se protegerem, evidencia-se, entretanto, a necessidade do uso rotineiro dos preservativos.

Assim como as DSTs, o preservativo existe há anos, evidente que não tanto quanto as doenças, pois foi desenvolvido justamente

para prevenção das doenças já descobertas e evitar o desenvolvimento de novas patologias. Porém, muitas pessoas não o utilizam e, em sua maioria, quem não se protege, geralmente, diz fazer isso por diversos motivos. Nos anos 90, Loyola (apud, FISCHER, 1996) constatou em seus estudos que aparentemente, o uso de preservativo resulta em uma interferência do prazer durante a relação sexual, sendo externada pelos sujeitos como se a mesma se identificasse com a ação de “chupar bala envolvida com papel”. No presente estudo 1 homem afirmou não usar preservativo por achar incômodo. Desta forma, profissionais de saúde e educadores em geral precisam refletir sobre a importância de incentivar a adesão ao uso dos preservativos, como um importante mecanismo de prevenção e controle das DSTs.

Foi observado ainda que, apesar de os homens em sua maioria iniciarem suas práticas sexuais antes das mulheres, eles atentaram mais para a importância do preservativo, pois enquanto que 62,5% fizeram o uso do mesmo em sua primeira relação sexual, apenas 37,5% das mulheres o fizeram, o que contradiz alguns julgamentos a respeito disto. Sabe-se que a maioria dos jovens inicia sua vida sexual ainda com pouco ou nenhum conhecimento prévio das consequências que este ato vai ou pode trazer, o que colabora para a intensa quantidade de pessoas que não

aderem ao uso de preservativos. Antes, os homens compunham o grupo mais alarmante com relação a isto, hoje, os dados são quase equivalentes para os dois gêneros, dependendo da região e população pesquisada.

Relevante, também, são os dados estatísticos da ocorrência de doenças sexualmente transmissíveis para a presente pesquisa, nenhum entrevistado declarou possuir ou já ter apresentado alguma DST, 11 entrevistados afirmaram, apenas, conhecer algum (a) portador (a), provavelmente por certo receio, ou ainda pela predominância da ignomínia de relatar que convive com algo que ainda sofre um intenso preconceito mesmo na contemporaneidade.

No Brasil, as estimativas da ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS) com relação às infecções de transmissão por via sexual na população sexualmente ativa são de: 1.967.200 casos para a Clamídia, a DST mais encontrada no mundo, sendo causada pela bactéria *Chlamydia Trachomatis*; 1.541.800 casos para a Gonorréia, causada pela bactéria *Neisseria gonorrhoea* e de 937.000 casos para a Sífilis (DUNCAN et al. 2013). Estes dados são recentes, portanto, fazem-se necessários tratamentos eficientes, para que possamos prever uma considerável diminuição e a não

ocorrência ou ocorrência irrelevante destas DSTs em nosso âmbito social.

As DSTs são um grande problema, em especial na saúde pública, compreendem um quadro de extrema preocupação por parte dos profissionais de saúde, pois apesar de estarmos avançando com estudos, a prevalência de tais doenças ainda é considerável e requer alerta por parte de todos, incluindo as esferas de poder público e a comunidade em geral.

Confirma-se, portanto, que o uso de preservativos, é algo que pode e deve ser imposto no cotidiano sexual de/por todos, independente da idade, do tempo de relacionamento, do tipo de relação, da quantidade de parceiros, do gênero ou de qualquer outro fator que as pessoas julguem tornar o sexo seguro sem o uso de preservativo.

Mesmo com a distribuição gratuita e o fácil acesso aos preservativos, ainda há falha no sistema de divulgação do porque e para que utilizá-los, pois embora pareça que todas as pessoas já saibam a maneira correta de utilizá-los, é quase inimaginável a quantidade de pessoas que não sabem fazer o manuseio adequado de um preservativo, o que pode acarretar em problemas como fissuras e não serventia do mesmo. Neto (2009), infere que políticas educacionais são de extrema importância para que isso não ocorra. Assim

como Gir et al. (1999) e Brasil (1998) afirmam que a prevenção e a educação em saúde são os melhores meios de se evitar o surgimento de novos casos, sendo estes também instrumentos de conscientização e informação.

Além de Clamídia, Gonorréia e Sífilis, no Brasil, há também a prevalência de HPV, Herpes Genital e AIDS (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2014). As diferenças de ocorrências entre homens e mulheres são bem diversas, dependendo principalmente da doença e de seu estágio.

É indiscutível que a AIDS é um alerta mundial, que está geralmente inconstante e, por isso, requer um olhar especial quando se fala de meios de prevenção e DSTs, pois é uma inimiga, muitas vezes letal, do sistema imune.

Confirma-se, então, mais uma vez, a necessidade da utilização de preservativo de forma regular, já que muitas das DSTs são assintomáticas e de difícil detecção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis é eficazmente alcançada, quase que na sua totalidade, através do uso de preservativos, mas, ainda assim, a promoção de campanhas é escassa. Nota-se que diante

do fato das pessoas, no geral, considerarem-se seguras por terem parceiros fixos e relações estáveis, ocorre a não utilização rotineira de preservativos. Assim sendo, fazem-se necessárias uma maior quantidade de campanhas, não apenas quando se tem dias mundiais de conscientização e combate como, por exemplo, o Dia da AIDS, pois todos os dias é preciso ter consciência de se tentar deter o aumento da incidência de pessoas infectadas por diversas DSTs.

O fato do número de homens entre 19 a 23 anos que já possuem vida sexual ativa ser menor que o do gênero feminino, assim como, na primeira relação sexual, os pesquisados do sexo masculino terem se prevenido mais do que as mulheres entrevistadas, chamam atenção, pois geralmente os homens iniciam a vida sexual mais cedo que as mulheres. Provavelmente, o crescente feminismo e a diminuição dos preconceitos sociais têm influenciado nessa mudança de padrão.

Por fim, avança-se na medicina, nos métodos contraceptivos, na tecnologia e na eficácia destes, mas é importante não se esquecer das campanhas conscientizadoras e, possivelmente, instruidoras a respeito do uso de preservativo feminino e/ou masculino nas relações sexuais, sendo elas anal, vaginal ou oral, uma vez que o risco de contágio de Doenças Sexualmente Transmissíveis é o mesmo em todas estas formas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Nivalva. Adesão de universitários ao uso dos preservativos, **Rev. Saúde. Com**, Bahia, v.5, n.2, p.116-127, dezembro, 2009.

PARKER e CAMARGO. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.16, n.1, p.89-102, 2000.

JIMÉNEZ, Ana Luíza et al. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis em mulheres: associação com variáveis sócio-econômicas e demográficas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p.55-62, jan/fev, 2001.

BRASIL. **Secretaria da Saúde**, Governo do Ceará, Ceará, CE, 2008.

SANTOS, A.D. et al. Sexualidade na adolescência : entre o desejo e o medo. **Scientia Plena**, Sergipe, v.8, n.9, setembro, 2012.

DUNCAN, Bruce et al. **Medicina Ambulatorial : Condutas de Atenção Primária Baseadas em Evidências**. 4. Ed., Porto Alegre, Editora Artmed , 2013.

SOARES, Nayara. Conhecimento e comportamento sobre DST/AIDS Entre Acadêmicos do Curso de Enfermagem do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. **Revista Enfermagem Integrada**, Ipatinga, v.2, n.1, Jul/Ago, 2009.

LOYOLA, Universidade Católica de Pernambuco. **Revista Symposium**, Pernambuco, 1994, p.39, 1999.

PINHEIRO, Thiago Félix et al. Uso de Camisinha no Brasil: um olhar sobre a produção acadêmica acerca da prevenção de HIV/Aids (2007-2011) : Prevenção de HIV/Aids e Uso de Camisinha. **Periódicos eletrônicos em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.21, n.3, p.815-836, dezembro, 2013.

CHEQUER, Pedro. Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST): Manual do Bolso. **Coordenação Nacional de DST e Aids Secretaria de Vigilância em Saúde Ministério da Saúde**. Brasília, DF, 2006.

NETO, Atílio et al. Revisão sobre a eficácia do preservativo em relação à proteção contra doenças sexualmente transmissíveis e gestação. **Universidade São Francisco**. Medicina sexual, São Paulo, v.14, n.3, p.5-123, 2009.

MEIRELLES, Betina et al. A gestão do cuidado a pessoas com HIV/AIDS: uma revisão de literatura. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**. São Paulo, v.27, n.1, 2015.